

A Propósito de Walter Benjamin, Ainda.



Resenha do livro “A Travessia de Benjamin”, de Jay Perini, editora Record, São Paulo, 1999.

Renato Franco*

Não são poucos os críticos ou especialistas que identificam, no itinerário recente do romance, as marcas de uma crise. Essa crise tem origem, por um lado, no fato desse tipo de prosa - como já assinalou Theodor Adorno - exigir a narração em um mundo que, dominado pela anônima maquinaria social, a sobrevivência do narrador - do indivíduo experiente - não é mais possível. Por um outro lado, essa crise provém do impacto dos novos meios expressivos, oriundos das modernas tecnologias de reprodução e de comunicação, sobre esse gênero literário que é forçado a conhecer uma espécie de retração expressiva diante do poder e prestígio social dessas formas culturais que também se apropriam de sua matéria ou de sua substância histórica tradicional.

Para sobreviver nessa conjuntura cultural que parece conspirar contra sua existência, o romance atual, freqüentemente, é obrigado a recorrer a temas e a procedimentos técnicos típicos desses novos meios - como o cinema e a televisão - que constituem o universo da indústria cultural. Ou então, estimulado por ela, a oferecer um tipo de produto que se destina a abrandar nosso mal-estar suscitado pela tediosa rotina a que somos submetidos. Enfim, como a exigência da diversão permanente entedia, a mesma indústria que a promove se apressa em ofertar, sob a forma de mercadoria, a ascese -seja ela mística ou intelectual - com que preenchemos o vazio de nossa vida interior.

Para tal finalidade, o romance se revela adequado. Tal fato talvez nos ajude a entender a atual onda de obras ficcionais que tornam sua substância a matéria tradicionalmente relacionada com a filosofia. É o caso para citarmos alguns exemplos - de O nome da rosa, de U. Eco, de O mundo de Sofia, de J. Gaadner, de Investigações filosóficas, de P. Kerr e, mais recentemente, de A travessia de Benjamin, de Jay Perini (Ed. Record, 1999).

Este romance pretende narrar a vida e a experiência intelectual do filósofo e crítico alemão Walter Benjamin ou, mais precisamente, "a aventura de um filósofo fugindo do nazismo", como quer a frase em destaque na capa da edição brasileira. Essa pretensão não deixa de conter uma espécie de ironia: afinal, Benjamin foi um dos maiores teóricos das experiências artísticas e literárias radicais de nosso século. Como poucos, ele foi capaz de entender as possibilidades do romance contemporâneo, de ouvir as secretas aspirações da sua forma ou de sua matéria. Seu amigo e, até certo ponto, continuador de suas reflexões - Theodor Adorno, o entendeu. E de modo tal, que logrou formular o que ele apenas sugeriu: que o caminho futuro do romance excluiria a biografia. Faz parte do planejamento da vida, à época de sua administração total, que a indústria da cultura torne plena de aventuras existências desinteressantes, revestindo-as com uma aura singular e resplandecente.

O romance de Jay Perine, portanto, parte de uma opção que muito provavelmente o próprio Benjamin não recomendaria. O autor, no entanto, tenta minimizar os riscos de sua empreitada, recorrendo à utilização do procedimento técnico apontado pelo crítico alemão como o mais conseqüente para os rumos do romance: a montagem. Tal uso atualiza a figura do narrador, transformando-o em um organizador do material ficcional. Essa matéria implica cartas, bilhetes, pequenos textos, trechos de obras ou memórias do próprio Benjamin ou de pessoas ligadas a ele, como Dora (sua mulher), G. Schölem, Asja Lacis, B. Brecht, Adorno, Lisa Fittko, Julia Cohn, Hanna Arendt.

O livro contém ainda, ao final, uma "nota do autor" que, conforme nosso ponto de observação, pode ser tomada como peça ficcional, embora nela ele afirme que, apesar do caráter ficcional do relato, a narração "mantém-se próxima aos fatos verdadeiros... o que significa dizer que os nomes, as datas e as localidades são apresentados com precisão e que os acontecimentos descritos nesse romance ocorreram de maneira bem semelhante à aqui relatados" (pag. 411-2).

O autor pretende, portanto, unir ficção e pesquisa histórica. Com qual finalidade? Certamente, de acordo com antiga tradição literária, para garantir ao leitor que os fatos narrados são autênticos, de que deles, no corpo da narração, emana o sopro da vida real, histórica. Curiosamente, Adorno, ao levar adiante as reflexões benjaminianas sobre o narrador e a situação atual da narração, afirma que é dessa espécie de narrativa que devemos desconfiar, visto que quanto mais elas garantem que as coisas se passaram de tal modo, mais estas devem ter ocorrido de maneira diversa. A pesquisa histórica é, nesse romance, o equivalente do testemunho que, entretanto, pode ser questionado: afinal, ele pode perfeitamente não testemunhar o que pensa testemunhar.

O esforço desse narrador-pesquisador está, em grande parte,

voltado para a tentativa de esclarecer como foram os últimos dias do filósofo e quais circunstâncias teriam cercado sua morte, trágica sob todos os aspectos. Tentativa certamente louvável, além de necessária. Todavia, da leitura emerge uma caracterização duvidosa da figura de Benjamin: a de um homem solitário, incompetente para prover materialmente sua existência, inábil para quase todas as atividades, freqüentemente tomado por impulsos eróticos quase incontroláveis - que o tornariam um amante desastrado e, no limite, egoísta -, doente, fraco, distraído, embora obstinado em continuar sua obra. Desse modo, pode-se indagar não apenas se de fato a narração atinge seus objetivos mas, também, se ela apresenta mesmo algum interesse maior. Afinal, se parece ser pertinente narrar sua fuga, a tentativa de chegar à América, para se unir aos outros membros do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt e, sobretudo, as condições em que ocorreu sua morte, parece pouco adequado narrar o cotidiano miúdo, mesmo o de um filósofo, para esclarecer a importância de sua obra.

O impacto de Benjamin sobre seus contemporâneos não foi pequeno, embora ainda não consigamos, dada nossa proximidade histórica, avaliá-lo com precisão. Esse impacto, no entanto, foi causado por sua obra, não por sua vida. O interesse que esta apresenta para nós é, sobretudo, determinado pela natureza dramática de que ela se revestiu, visto que sua morte atesta a hostilidade do fascismo - que, embora derrotado militarmente, não foi ainda extirpado da vida social - à vida intelectual e àqueles que se recusam a ele se submeter.

Para lhe fazer justiça - e também para preencher uma lacuna bibliográfica acerca de seu trajeto intelectual - talvez fosse mais interessante traduzir para nossa língua a primorosa biografia intelectual escrita a seu respeito por Bernd Witte (*Walter Benjamin Une biographie*, edição francesa por Les Editions du CERF, Paris, 1988) ou o discurso proferido por Hans Mayer em 16 de janeiro de 1992, por ocasião da comemoração do centenário de seu nascimento, editado em 1995, na França, pela editora Gallimard com o título Walter Benjamin: reflexions sur un contemporain.

Desses textos, é outra imagem que emerge do filósofo. Na vida prática, sim, é geralmente inábil, desastrado para as tarefas cotidianas. Embora tenha vivido de modo razoavelmente confortável, por sua origem social, até meados dos anos 20, e se doutorado em Berna, com uma tese sobre O conceito de crítica estética no romantismo alemão, tenta em seguida ingressar na carreira universitária, com um grande estudo sobre o século XVIII na Alemanha, intitulado Origens do Drama Barroco Alemão, que, porém, não foi aceita pela academia. Tal fato acarretou conseqüências drásticas para sua vida, visto que, com essa recusa, não teve acesso a um emprego regular. As condições materiais de sua vida e de sua produção intelectual, a partir dessa época, serão quase sempre precárias. É obrigado,

frequentemente, a sobreviver como crítico profissional, escrevendo ensaios para o Frankfurter Zeitung ou a revista Literarische Welt sobre obras que, muitas vezes, não despertavam sua atenção.

É espantoso, porém, para o crítico situado em nosso presente, constatar que, mesmo experimentando tal ordem de adversidades, o itinerário intelectual de Benjamin não resulta do acaso, como seria normal nessas condições. Ao contrário, parece ser regido por lógica necessária: datam dessa época três textos fundamentais para sua posterior trajetória. Com eles, acerta contas com a tradição alemã: na tese de doutorado, investiga o romantismo alemão e sua relação com a herança clássica. Em seguida, examina a tendência oposta ao romantismo, com o belo ensaio dedicado à análise de As Afinidades Eletivas de Goethe para, finalmente, retroceder à investigação do drama barroco. Desse balanço da cultura alemã, surge sua recusa da arte clássica, da obra fechada, acabada. Em contrapartida, adere à obra inacabada, incompleta, provisória que, encontrável na tradição romântica, caracterizará a produção da vanguarda artística do século XX, do qual foi dos primeiros a fornecer uma teoria, com sua concepção sobre a alegoria. É também dessa época, na qual mantém estreita relação de amizade com Ernst Bloch, que o fascina com seu Princípio Esperança, que funda a concepção do futuro como um caminhar para a morte, base para a posterior crítica à concepção de progresso, comum à social-democracia e ao marxismo vulgar.

Após essa etapa, na qual também é tecido tanto o rudimento de seu método crítico quanto o tema da incerteza, relacionado com uma vida regida pelo signo da instabilidade - comum a Ernst Bloch, que o elabora como o tema da "obscuridade do instante vivido" que se metamorfoseia, em seguida, em "instante insuportável" -, desvia sua atenção para o século XIX francês, no qual vê as raízes do nosso. Não se trata, no entanto, de uma virada brusca em sua trajetória: ela é consequência do acerto de contas com o passado alemão e da atração pelo atual, pelo moderno. Charles Baudelaire o interessa sobretudo porque os poemas de As Flores do Mal estão situados em ponto fundamental da história da burguesia e, portanto, da cultura burguesa.

A longa estadia na França não é, portanto, casual, como também não o são as prolongadas incursões nos acervos da Biblioteca Nacional, então dirigida por George Bataille, que se torna seu amigo e a quem pede ajuda para, no momento da fuga diante da proximidade da ofensiva alemã, guardar seus poucos pertences, dentre os quais a figura do Angelus Novus, de Paul Klee, que ele há tempos adquirira e destinara, em testamento redigido em 1932, ao amigo sionista Gershon Scholen. Essa atração se estende à própria Paris, concebida por ele como a capital do capital no século XIX, o que o impele por mais de uma década a escrever um livro que, intitulado As passagens, ficará inacabado mas, mesmo assim, terá, entre seus intérpretes posteriores, forte impacto.

Nessas obras, seu método micrológico se revelará, ele próprio, moderno: ele consiste em partir da consideração do detalhe que, aos olhos acostumados com a tradição cultural, aparece como insignificante e anedótico. É, portanto, da investigação do material impenetrável à interpretação das teorias consagradas, que ele constituirá sua própria interpretação. Para analisar, por exemplo, a Paris do Segundo Império, escolhe partir do ponto de vista dos marginais, da boêmia, das prostitutas, do *flaneur*.

Essas investigações gerais o convencem de que sua obra deve testemunhar o fim de uma época e o início de outra, mais promissora. Esta é uma de suas preocupações centrais na primeira metade da década de 30, período em que estreita a amizade com Brecht, mas em que, sobretudo, é atraído para o marxismo e para a causa revolucionária por Anja Lacis. Dentre todos seus intérpretes, Hans Mayer parece ser o único a formular a inquietante questão: quem era ela, afinal? O romance de Perine a pinta como objeto de desejo - e de tresloucada paixão - por parte de Benjamin, embora ela não correspondesse a esse afeto. Mayer indaga se ela não era coisa comum à época - uma das mulheres intelectualizadas e politizadas que se punham a serviço do Partido para, nos meios intelectuais e artísticos, arregimentar intelectuais para a causa soviética.

São desse período alguns de seus mais conhecidos ensaios, como “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” e as Tentativas sobre Brecht, que incluem o importante ensaio “O autor como produtor”. Neles, ao mesmo tempo em que desvenda a natureza da derrocada histórica da cultura burguesa - particularmente da arte - procura mostrar que nosso século - o das massas - forja as condições técnicas e materiais para a definitiva superação da tradição cultural burguesa. Com grande esperança, dedica-se a apontar os sintomas do nascimento de uma cultura nova e revolucionária, das massas. Esses primeiros vestígios seriam dados pelo teatro épico de Brecht, pelo cinema, pelo uso do vidro na arquitetura. Ele pretendeu dar-lhe as diretrizes, apesar de nossa pobreza de experiências.

No entanto, apesar desses textos sugerirem algum tipo de engajamento na luta revolucionária, pode-se afirmar, segundo Hans Mayer, que sua única verdadeira decisão foi manter-se indeciso, o que o levou sempre a manter uma posição tensa em relação aos pólos opostos implicados nas questões culturais. Assim, próximo de Brecht, aproximou-se de Hoffmansthal; próximo do marxismo, considerava o ponto de vista da teologia, em particular do judaísmo, embora jamais tivesse assumido uma postura propriamente teológica. Ao mesmo tempo, nos anos 30, assumiu a posição predominante entre os teóricos da Teoria Crítica, que preconizava a autonomia do intelectual.

Ainda segundo Mayer, as tensões dessa trajetória se rearticulam apenas em seu último texto, As Teses sobre a filosofia da História, que provocaram - e ainda provocam - grande espanto. Aparentemente com razão, Mayer não tende a considerar essas teses como resultantes do desespero conjuntural determinado pelo sentimento de que a catástrofe, após a assinatura do pacto germano-soviético e da invasão da França pelos nazistas, era inevitável. De fato, nelas, Benjamin teria acertado contas com sua própria história intelectual, com suas adesões e concepções. Ao mesmo tempo, teria também retomado a influência inicial de Ernst Bloch e depositado sua esperança no passado. Isso não era porém uma completa novidade em sua obra: o texto sobre a infância em Berlim, ou sobre as experiências de viagem às cidades italianas, já manifestariam esta adesão ao passado, às formas de vida que tendiam ao desaparecimento, assim como seus ensaios sobre Proust, Leskov ou Baudelaire. O futuro, para ele, só poderia ser significativo como interrupção do presente: como futuro vislumbrado pelo passado. O presente não gera mais que desesperança; sua continuação é a catástrofe, anunciada tanto na tese 9, como na enigmática tese 1, que, aponta para um mundo informatizado - o nosso presente.

Para concluir, podemos, por um lado, indagar se fazemos de fato justiça a Walter Benjamin quando afirmamos ter ele sido solitário, ele que, em sua vida breve, conheceu - como sabedoria - quase todas as personalidades que elaboraram as principais idéias e obras das primeiras décadas de nosso século, como Bloch, Lukács, Adorno, Brecht, Hofmansthal, Döblin, Karl Krauss, Norbert Elias, Hanna Arendt, Heorkheimer, Bataille, Aragon, Schöllen, Asja Lacis. Por outro, não teria seu último texto causado tanto espanto justamente por ser o porta-voz da derrocada de um período da cultura européia, no qual foi forjada a esperança mais cara de nossa época?



*Renato Franco - professor de Filosofia da UNESP-ARARAQUARA e membro do Grupo de Estudos sobre Teoria Crítica.